

MAC

Seis pesquisadores da arte visual

Alberto Aliberti

Heinz Kühn

Hermelindo Fiaminghi

Kazmer Fejer

Lothar Charoux

Sylvia Mara Gueller

Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de S. Paulo

15 de abril a 15 de maio

S. Paulo — Brasil, 1966

instituto de arte

Uma arte sem precisa definição terminológica embora qualificada variavelmente pelo jargão crítico e jornalístico como «Op», visual, cinética, retinal etc., é objeto desta exposição do Museu de Arte Contemporânea. Bem entendido, não se trata da visualização tradicional do olho diante de fatores externos estimulantes mas de uma visualidade como percepção autônoma de fenômenos de forma e cor em função de movimentos óticos vibratórios.

Os artistas que seguem esta orientação proliferaram a partir do fim da década de '50 e normalmente possuem raízes construtivistas. Na Europa, onde surgiram numerosos grupos, o principal instigador foi sem dúvida Vasarely. A contribuição dos Estados Unidos onde um egresso do Bauhaus, Albers, foi importante emulador, tornou-se decisiva com a revelação de valores que afirmaram uma imagística interpretativa de sua cultura pragmática. No Brasil, e particularmente em S. Paulo, há pesquisadores que vêm trabalhando com serenidade alcançando resultados de uma afirmação constante. Nossa idéia era apresentar um número mais largo de participantes o que não pôde realizar-

se por diversas razões independentes de nossa vontade. Foram finalmente selecionadas obras de seis artistas (Fejer, Charoux, Fiaminghi, Kühn, Aliberti e Sylvia Mara Gueller) que projetaram e executaram suas obras especialmente para esta manifestação. Três deles, Fejer, Charoux e Fiaminghi foram membros ativos do movimento concretista brasileiro e expõem frequentemente na Galeria «Novas Tendências». Kühn desenvolvera sua experiência anterior como pintor abstracionista. Aliberti e Sylvia são os mais jovens: aquêle é muito ligado aos primeiros e esta última emerge de uma experiência recente e isolada.

Fejer tornou-se um de nossos representantes de mais profunda autenticidade nesse meio expressivo. A seu prejuízo, entretanto, numa época em que o fator numérico influi consideravelmente na chamada promoção do artista, a obra que produziu é das mais raras. Os quatro objetos em poliéster sobre acrílico aqui reunidos são definições de estruturas móveis em processo de desintegração formadas de pequenos cubos articulados em superposição precária, quasi como um jogo de paciência. A valorização tridimensio-

instituto de arte

nal é procurada pela interpenetração de planos em ângulos diversos ou melhor, pela ruptura de um deles sob o impacto de outro. O contrôlo do desmantelamento é sensível. A luz ao esbater-se na matéria colorida transparente provoca cintilações dinamizando ainda mais o objeto de imaginar-se na escala monumental.

Charoux é um artista previsível. Sua evolução não sofre de sobressaltos. Da estabilidade resultante formou-se uma linguagem linear de sensibilidade pessoal, despojada e exigente, rigorosamente artesanal num momento de crescente recorrência a meios mecanizados. Sua investigação pode ser aproximada à de vários artistas no estrangeiro — Stella, Yvaral, Goodyear, Mieczkowski etc. — mas o vienense paulista é indiferente a recursos técnicos e expressivos mais complexos. Do desenho exclusivamente deve despontar sua argumentação, como podemos ver nestes quadros de séries de linhas luminosas de variável densidade e intervaladas na superfície sombria de sorte a provocar movimentos discretos de refração de luz e fazer da obscuridade um elemento fortemente participativo.

Fiaminghi aparece com as soluções mais desenvolvidas no sentido de aliar meios tecnológicos à expressão. A seu propósito é que talvez mais precisamente possamos falar de pesquisas cinéticas, como o demonstra parte dos trabalhos exibidos a que intitula «fusão e difusão da cor por incidência de luz». Alguns mais recentes demandam a participação do espectador para desenvolver suas concomitâncias cromáticas. A vivência do artista com os problemas da gráfica moderna enriquecida de equipamentos eletrônicos influenciou bastante seus processos experimentais na busca de interação das cores fornecidas pelos efeitos controlados da superposição de filmes reticulados, gravados em litografias e impressos pelo processo «offset-tief». As contrações e expansões de luz produzem os efeitos combinatórios mais inesperados, de uma beleza emotiva intermitente.

Heinz Kühn sem dúvida soube evoluir rapidamente nas suas experiências com o styropor, material frágil e maleável que o ajudou a encontrar meios de caracterizar uma linguagem no domínio ainda de amplas possibilidades do relêvo. As

instituto de arte

HERMELINDO BINGHI

superfícies escavadas, a articulação de planos simétricos ou irregulares abertos por um temperamento expressionista proporcionam espaços da mais diversa transparência, animados pela efusão da luz nos campos de cor primária que o artista estende com desenvoltura sobre a brancura do material poroso. Particularmente em trabalhos deste gênero transcendemos os limites da pintura e da escultura e vemos a intuição aliar-se a uma matéria e a uma técnica novas para fornecer outros recursos expressivos à sensibilidade visual.

Aliberti e Sylvia Mara Gueller são os mais jovens dos expositores: o primeiro em objetos de construções rígidas demonstrava há certo tempo um claro interesse pelo dinamismo sógnico. Entre suas peças atuais de elementos pré-fabricados, a telha de cimento de amianto é um material que se presta à prospecção de ritmos planejados. De outros seus trabalhos em andamento podemos esperar resultados de nível na solução de «continuidades estruturais». Sylvia apareceu na «II Exposição do Jovem Desenho Nacional» organizada pelo Museu de Arte Contem-

porânea em 1965 com bom índice de maturidade no seu grafismo de sugestibilidade vibratória. O preparo teórico e psicológico da artista assegurou-lhe uma progressão decidida nos meios de dominar o desenho e o espaço. Os resultados recentes demonstram decisão nos seus objetivos de eúritmia ao desencadear com franqueza ótica temas dedálicos onde o movimento se distribui às formas, cores, desenho e composição.

O interesse destas articulações visuais não nos parece fruto de aderências circunstanciais a formulações momentâneas e sim empreendimentos intuicionais capazes de assegurar uma expressão vital ao longe de razões programáticas estritas.

Walter Zanini

Diretor do Museu de Arte Contemporânea
da Universidade de S. Paulo.

instituto de arte

HERMELINDO FIAMINGHI



Ser moderno ou antigo, não é minha preocupação. Ser nôvo também não.

Como pertencer ao meu tempo; — Sim.

É um drama que evolui, propõe-se, dramatiza-se.

A percepção das coisas, e as coisas com percepção, envolvem-me: — desenvolvem-me.

Estar atualizado não é o principal, não é importante quando comunicar-se é o sensível.

As artes gráficas ofereceram-se e influíram-me quando pesquisava efeitos de retícula, côm-luz, artefanalmente (6.a Bienal 1961)

O contrôle dos equipamentos e materiais gráficos não só permitiram bem como conduziram-me ao contrôle sensível dos acasos ali produzidos, — era o fenômeno da percepção livre mutável e com uma freqüência de comunicação intermitente.

A transparência das côres, a fusão e difusão da retícula pela incidência de luz, são para mim coisas com percepção ótica, sensíveis, — comunicam-se.

A obra assim realizada evolui em si e pertence a si mesma, sua comunicação visual, — é ótica assim como o ^{São} ~~é~~ as mutações intermitentes da luz do sol que incide sôbre os corpos da paisagem.

Comunicam-se naturalmente.

Hermelindo Fiaminghi nasceu em S. Paulo em 1920. Estudou desenho, artes gráficas e arquitetura no Liceu de Artes e Ofícios de S. Paulo (1936-40), pintura e história da arte com Waldemar da Costa (1942-52). Integrou-se ao grupo concreto de São Paulo (1955), participou como membro do conselho diretor do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea (Galeria das «Folhas», 1958-9). Foi membro da Comissão Organizadora do 7.º Salão Paulista de Arte Moderna (1958), membro da Associação Internacional de Artes Plásticas e co-fundador da Associação de Artes Visuais Novas Tendências (1963).

HERMELINDO FIAMINGHI

Exposições:

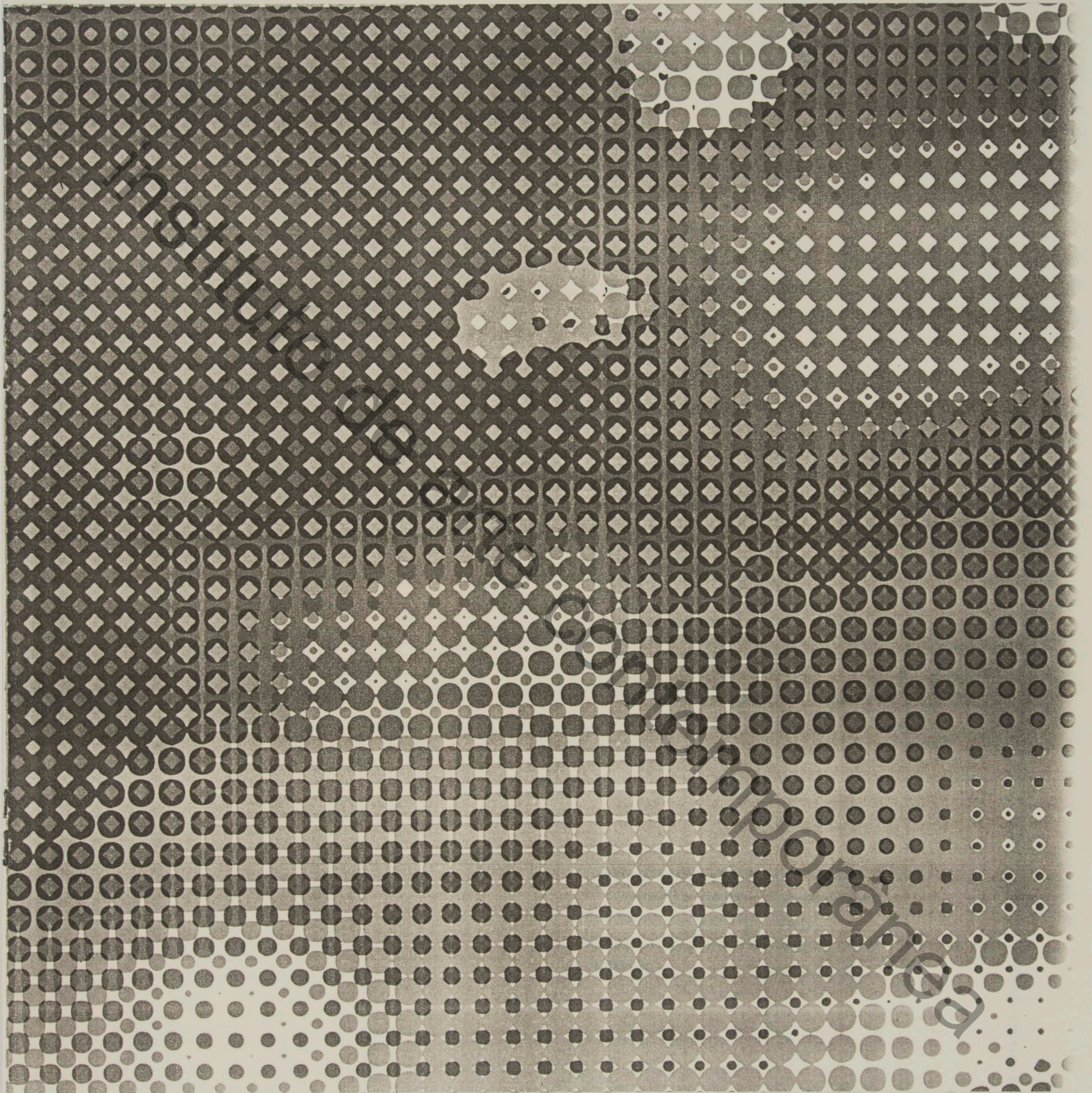
3.a, 4.a, 5.a e 6.a Bienais de S. Paulo; 4.o, 6.o, 7.o e 9.o Salões Paulistas de Arte Moderna; 1.a Exposição Nacional de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna de S. Paulo (1957), 2.a Exposição Nacional de Arte Concreta no Ministério da Educação (Rio de Janeiro), Exposição de arte moderna do Brasil em Buenos Aires, Rosário, Santiago e Lima (1958); Exposição de Arte Moderna do Brasil na Alemanha, Portugal, França, Itália, Bélgica, Holanda e Japão, Exposição «Konkrete kunst», no Helmhaus de Zurich, Exposição coletiva do Prêmio Leirner de Arte Contemporânea, nas Fôlhas» (1961), Exposição individual na Galeria Aremar (Campinas), Exposição no Clube dos Artistas (1963), Exposição inaugural da Galeria «Novas Tendências» (1963).

Coletiva 3 da Galeria «Novas Tendências» (1963). Exposição individual na galeria «Novas Tendências» 1965. Prêmio: Grande medalha de prata no 4.o Salão Paulista de Arte Moderna.

Obras em coleções particulares.

Relação das Obras

- 1 — Réticula côr-luz — 40 x 50
- 2 — Réticula côr-luz — 60 x 50
- 3 — Réticula côr-luz — 40 x 50
- 4 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 5 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 6 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 100 x 70
- 7 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 8 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 9 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70
- 10 — Réticula côr-luz — Obra multiplicável 1/10
— 70 x 70



instituto de arte contemporânea

Layout, produção gráfica: H. Fiaminghi
Fotografias das obras: Luiz Hossaka
Fotografias dos artistas: Moriya
Clichês: Lastris S/A.
Impressão: Impress-Color